



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2494 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA: EM DEFESA DA LEITURA DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

Thais Aparecida Bento Reis - Universidade Federal de Alfenas
Vanessa Cristina Giroto - Universidade Federal de Alfenas

A leitura literária na escola é um tema abordado nas pesquisas acadêmicas a partir de diferentes vertentes teóricas; nesse texto trazemos reflexões acerca da leitura de clássicos da literatura universal no Ciclo da Alfabetização por meio da Tertúlia Literária Dialógica e, para isso, nos fundamentamos na vertente teórica da Aprendizagem Dialógica. Esse texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado acadêmico que revelou que o senso comum ainda está muito presente em práticas de leitura voltadas para estudantes em início de alfabetização, como por exemplo, o discurso de que os(as) estudantes não se interessam pela leitura literária; diferente dessa concepção baseada no senso comum, identificou-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, que o desinteresse pela leitura parte, muitas vezes, de atividades realizadas de forma mecânica. Em contrapartida à esta concepção pesquisamos a Tertúlia Literária Dialógica que é uma atividade de leitura de clássicos da literatura que visa a compreensão sobre o texto e o contexto por meio do diálogo intersubjetivo favorecendo a formação de estudantes que, criticamente, aprendem a fazer a leitura do mundo e criam sentido na aprendizagem da leitura da palavra.

TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA: EM DEFESA DA LEITURA DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

Resumo

A leitura literária na escola é um tema abordado nas pesquisas acadêmicas a partir de diferentes vertentes teóricas; nesse texto trazemos reflexões acerca da leitura de clássicos da literatura universal no Ciclo da Alfabetização por meio da Tertúlia Literária Dialógica e, para isso, nos fundamentamos na vertente teórica da Aprendizagem Dialógica. Esse texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado acadêmico que revelou que o senso comum ainda está muito presente em práticas de leitura voltadas para estudantes em início de alfabetização, como por exemplo, o discurso de que os(as) estudantes não se interessam pela leitura literária; diferente dessa concepção baseada no senso comum, identificou-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, que o desinteresse pela leitura parte, muitas vezes, de atividades realizadas de forma mecânica. Em contrapartida à esta concepção pesquisamos a Tertúlia Literária Dialógica que é uma atividade de leitura de clássicos da literatura que visa a compreensão sobre o texto e o contexto por meio do diálogo intersubjetivo favorecendo a formação de estudantes que, criticamente, aprendem a fazer a leitura do mundo e criam sentido na aprendizagem da leitura da palavra.

Palavras-chave: Alfabetização. Clássicos. Leitura. Tertúlia Literária Dialógica.

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado em formação de leitores(as) na escola mas, quando se pensa em atividades de leitura desenvolvidas em sala de aula, é bem possível que se tenha em mente: leitura obrigatória, utilização sequencial do livro didático, respostas a questionários, realização de resumos de livros, assim como se observa na pesquisa de Freitas (2016). Assim, a leitura de fruição, a participação e a troca de experiências sobre as leituras são práticas bem distantes da sala de aula.

Na análise histórica do percurso dos clássicos literários, se destaca a afirmação de Curtius (2013, p. 71) de que a literatura faz parte da educação, “[...] Por quê, e desde quando? Porque os gregos encontraram num poeta o reflexo ideal de seu passado, de sua existência, do mundo de seus deuses. [...] Desde então a literatura é disciplina escolar [...]”. Portanto, podemos afirmar que há um valor histórico e cultural agregado à literatura desde a antiguidade.

Ainda se faz presente na escola, uma concepção – baseada no senso comum – de que os(as) estudantes não gostam de ler, mas contrariando essa concepção, foi possível identificar na análise de alguns artigos como Freitas (2016), que existe interesse por parte dos(as) estudantes em relação à leitura e o interesse em conhecer novas histórias; um dos fatores que contribui para o distanciamento entre estudantes e a frequência de leitura literária é, em algumas situações, a maneira como as atividades são desenvolvidas na escola: ora como mais um gênero textual a ser ensinado para cumprir currículo, ora como atividades pré-definidas do livro didático, resumos e questionários que não permitem que o(a) estudante se expresse além de uma proposta pré-definida.

Há décadas atrás, Freire (2006) já afirmava que a alfabetização não pode ser compreendida apenas como um processo delimitado ao espaço escolar, que é preciso considerar além da leitura da palavra, a leitura de mundo que o(a) educando(a) traz consigo, ou seja, a alfabetização na visão deste educador, que é a nossa também, não é apenas decifrar códigos ou ainda, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala, mas ser alfabetizado significa fazer uso competente da leitura e da escrita (palavra) nas diferentes situações sociais (mundo). Nesse sentido, a Tertúlia Literária Dialógica, pautada na concepção freireana de leitura, aparece como caminho que propicia desenvolver a aprendizagem da leitura da palavra concomitante à leitura de mundo por ser uma atividade que, a partir da leitura de clássicos da literatura, possibilita aos(as) educandos(as) tecer reflexões sobre diferentes temas da sociedade.

Tertúlia Literária Dialógica e os princípios da Aprendizagem Dialógica

A Tertúlia Literária Dialógica (TLD) é uma atividade que, a partir da leitura compartilhada dos clássicos da literatura universal possibilita, além da aprendizagem de elementos essenciais para o desenvolvimento da leitura e da escrita, que seus(suas) participantes expressem opiniões e/ou dúvidas sobre diferentes temas da vida.

A TLD, de acordo com Mello, Braga e Gabassa (2012), é uma atividade cultural, educativa e social que teve início na Espanha ao final da década de 1970, com o fim do período de ditadura do país. As primeiras atividades se deram em uma escola para educação de pessoas adultas no bairro de La Verneda Sant-Martí; um grupo de educadores(as) e estudantes dessa escola se reuniram para criar uma atividade de leitura literária a fim de lutar contra as exclusões sociais e culturais. Assim, pessoas de diferentes formações escolares/acadêmicas se reuniam para refletir sobre obras da literatura clássica universal.

A palavra “tertúlia”, segundo o dicionário, significa encontro, e além da TLD, há também outras versões da tertúlia, podemos citar como exemplo, a Tertúlia Dialógica Musical, a Tertúlia Dialógica de Artes, a Tertúlia Dialógica de Matemática e a Tertúlia Dialógica Pedagógica; em todas essas “tertúlias”, devem-se utilizar os princípios da aprendizagem dialógica e também as obras clássicas dos respectivos campos.

A TLD somente pode ser desenvolvida a partir de princípios específicos e que, de acordo com Flecha (1997, p. 17-18) precisam ser seguidos para que aconteça a participação igualitária.

1. Os(as) participantes podem ser oriundos de diferentes realidades sociais, culturais e educacionais;
2. Os encontros devem ser em locais fixos e semanais, com duração de, em média, duas horas;
3. A leitura deve ser de um clássico da literatura universal e a escolha do livro deve ser feita conjuntamente. A cada semana, se decide de forma coletiva com a mediação do moderador, quais páginas cada participante deverá ler previamente para o encontro da semana seguinte;
4. Durante a TLD cada participante escolhe um trecho do texto para ler em voz alta e comentar as razões que motivaram tal escolha;
5. Por ser uma atividade fundamentada no conceito de aprendizagem dialógica, todos(as) os(as) devem ter suas opiniões respeitadas, independentemente de sua escolaridade, profissão, etnia, idade ou condições financeiras. As opiniões devem, portanto, pautar-se no diálogo e respeito aos diferentes sujeitos, culturas e conhecimentos;
6. Para que essas diferenças entre os(as) participantes e os princípios sejam respeitadas, é necessário que haja um(a) moderador(a) que é um(a) participante com a função de organizar a ordem das falas e assim, garantir que todos(as) possam se expressar dialogicamente, bem como estimular a participação daqueles(as) que por alguma razão não se manifestem.

Na TLD, todas as opiniões são valorizadas e, diferente do que acontece em outras atividades de leitura, não se busca somente encontrar uma compreensão comum do texto ou identificar o que o(a) autor(a) do texto quis dizer; na TLD o objetivo é compartilhar experiências de vida e construir o conhecimento coletivamente, pois, assim como afirma

Machado (2009, p. 63-64), “[...] no mundo da literatura, as coisas são sempre assim, funcionam como uma rede, vão se ligando e interconectando, dando origem a outras, voltando, saindo lateralmente. É sem fim...”.

Assim, na TLD, o(a) professor(a) não é o único que sabe e que deve ter o domínio da palavra e o(a) estudante não é visto como quem nada sabe e não possa se expressar (FREIRE, 2005). O conhecimento é, portanto, construído dialógica e igualitariamente.

A proposta da aprendizagem dialógica que orienta o desenvolvimento da TLD se fundamenta, segundo Aubert et al (2008, p. 151), em que “[...] a razão de ser da aprendizagem é a transformação”. A TLD contribui para a transformação nas práticas de leitura em sala de aula, pois a partir das interações entre os(as) estudantes e professores(as) acontece a transformação, saindo de uma realidade educativa mecanicista e conteudista, para uma educação dialógica e reflexiva.

De acordo com Flecha (1997), que utilizou principalmente as contribuições teóricas de Freire (2005) e de Habermas (1987), a aprendizagem dialógica constitui-se de sete princípios:

- Diálogo igualitário: as relações não se fundamentam de forma hierarquizada, todos possuem as mesmas oportunidades para expressar e opinar, mais do que ouvir o que o(a) outro(a) tem a dizer, o diálogo igualitário consiste em valorizar o que foi dito independente de quem disse.
- Inteligência cultural: parte do pressuposto que todas as pessoas possuem uma experiência e/ou conhecimento que pode ser expresso e contribuir para com os(as) demais participantes.
- Transformação: quando a relação se fundamenta no diálogo igualitário rompe-se com uma posição de que um conhecimento é superior ao outro, o que contribui para transformar o contexto e o sujeito nele inserido.
- Dimensão instrumental: são os conhecimentos necessários para que uma pessoa tenha condições de se relacionar socialmente e se posicionar diante de determinada questão, como por exemplo, os conhecimentos referentes à leitura e escrita.
- Criação de sentido: as experiências vividas pelo grupo se recria na interação com sujeitos diferentes, contribuindo assim, para que o conhecimento seja mais que informação, e faça sentido em sua vida pessoal.
- Solidariedade: as práticas educativas desenvolvidas a partir da aprendizagem dialógica contribuem para que as interações aconteçam igualitariamente em prol de interesses coletivos.
- Igualdade de diferenças: não se busca estabelecer limites homogêneos entre os(as) participantes, mas valorizar as diferenças existentes a partir do diálogo, ou seja, cada pessoa tem o igual direito de ser diferente.

Assim, afirmamos que, por ser a sala de aula um espaço de culturas e contextos heterogêneos, o desenvolvimento de atividades de leitura literária com estudantes do Ciclo da Alfabetização, a partir da Tertúlia Literária Dialógica favorece uma formação para além do âmbito teórico/escolar, uma formação de sujeitos críticos, capazes de refletir acerca de sua realidade social.

Tertúlia Literária Dialógica: em defesa dos clássicos literários

Historicamente, a existência da literatura se dá desde as primeiras civilizações, como por exemplo, a obra *Iliada*, de Homero. Assim, é possível afirmar que um clássico literário surge após a leitura e/ou do conhecimento de outro clássico, de forma que ao último são acrescidas características de determinado período histórico.

O sentido dos termos *clássico* e *cânone* podem trazer algumas dúvidas sobre sua utilização. Em Perrone-Moisés (2009), o termo *cânone* vem do grego *kanón*; esse sentido se refere a uma vara ou haste que era utilizada como um modelo de medida. Segundo Curtius (2013, p. 319), o termo *cânone* “[...] ocorre pela primeira vez no século IV d. C., como o sentido de catálogo de conforme esse autor, somente a partir do ano de 1744 a palavra *cânone* começa a ser utilizada na filologia”.

Já o termo *clássico*, é oriundo do latim *classicus* e se referia, na antiguidade, a uma separação de classes sociais de acordo com as condições financeiras de cada cidadão, de forma que os cidadãos da primeira classe eram os nobres e os da quinta classe eram os proletários.

A utilização dos termos *clássico* e *cânone* ao longo dos séculos aconteceu, de acordo com Curtius (2013), de forma que o primeiro termo era utilizado inicialmente para distinguir autores, enquanto o segundo foi utilizado em três momentos históricos diferentes: o *cânone* da igreja, o *cânone* medieval e o *cânone* moderno.

Ainda nos dias atuais, o termo *clássico* é utilizado para fazer referência à literatura, às obras e aos escritores, como acontecia nos séculos que nos precederam. Não identificamos, dentre os artigos analisados, nenhum registro que indicasse qual dos termos é o correto para fazer referência à literatura universal. Para confirmar esse dado, tomamos os autores utilizados como referencial teórico na pesquisa, dentre eles(as) é possível identificar o uso dos dois termos: Machado (2009) e Calvino (2007) utilizam o termo *clássicos*; os autores Bloom (1995), Perrone-Moisés (2009) e Pound (2006) utilizam o termo *cânone*.

Em Machado (2009) a definição de *clássico* permite ao leitor(a) compreender a relevância de uma obra assim considerada: “Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda” (MACHADO, 2009, p. 15).

Já o autor Ítalo Calvino, apresenta várias definições de *clássico*, afirma que essas são como obras “inacabadas” pois “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam

novos, inesperados, inéditos" (CALVINO, 2007, p. 12).

Pound (2006, p. 21) considera que determinado texto seja clássico "[...] devido a uma certa juventude eterna e irreprimitível".

De acordo com Bloom (1995, p. 23), a existência do clássico se deve à finitude do ser humano: "Que tentará ler o indivíduo que ainda deseja ler, tão tarde na história? Os setenta anos bíblicos já não bastam para ler mais que uma seleção dos grandes escritores o que se pode chamar de tradição ocidental, quanto mais de todas as tradições do mundo".

Ao observarmos as obras existentes em grande parte das escolas, é possível afirmar que os clássicos literários dificilmente chegam às escolas da periferia, aos cursos de formação de professores ou nas atividades dos livros didáticos, mas eles são sempre utilizados nos vestibulares das mais disputadas universidades; por esse motivo, defendemos que todos(as) os(as) estudantes, em todas as etapas de ensino, inclusive nos anos iniciais, tenham acesso a tais obras para "disputar" em pé de igualdade, caso desejem concorrer aos mesmos espaços ocupados historicamente por apenas um grupo social.

É também por este motivo que na Tertúlia Literária Dialógica são utilizados os clássicos literários, já que "[...] tais obras são recursos para o que Freire denominava comunicação cultural, criação de novos saberes partindo das próprias identidades e do diálogo com as demais pessoas, inclusive as que escreveram os textos" (FLECHA, 1997, p. 63).

Desse modo, a utilização das obras literárias clássicas nas atividades escolares/acadêmicas contribui para a valorização do conhecimento produzido ao longo dos séculos desde que não aconteça de forma mecânica ou obrigatória, ou sem criticidade ou mesmo sem a participação dos(as) estudantes nesse processo.

Tertúlia Literária Dialógica no Ciclo da Alfabetização

Para legitimar as contribuições advindas do desenvolvimento da TLD na formação de alunos(as) leitores(as), estabelecemos uma relação entre diretrizes oficiais para o Ciclo da Alfabetização.

Dentre elas utilizamos como referência os cadernos de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que orientam que as práticas de leitura e escrita desenvolvidas em sala de aula sejam fundamentadas nos diferentes gêneros textuais que circulam socialmente.

Há também o Currículo Básico Comum (CBC) do Ciclo da Alfabetização da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais que, no eixo referente ao desenvolvimento da oralidade, orienta que os(as) estudantes saibam responder e opinar sobre determinado assunto abordado, e que também saibam respeitar as diferentes formas de expressão oral de colegas e professores(as).

E por fim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental orientam que a aprendizagem da leitura e escrita aconteça com a mediação de materiais que promovam o interesse do(a) leitor(a), uma vez que "não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita" (BRASIL, 1997, p. 29).

Podemos afirmar que essas diretrizes são contempladas na TLD, uma vez que a atividade possibilita o contato do(a) leitor(a) com diferentes gêneros textuais literários (poemas, contos, fábulas, entre outros); esses textos possuem considerável qualidade por se tratar de clássicos universais; os(as) participantes deverão obedecer ao princípio de esperar a sua vez para falar e respeitar a opinião dos(as) demais participantes. Entendemos, ainda que não se trata apenas de um cumprimento de diretriz, mas de um direito do cidadão às obras historicamente reconhecidas, portanto o ler e o escrever por meio da Tertúlia Literária Dialógica segue, orienta e amplia a concepção de leitura e escrita proposta nos documentos oficiais.

Considerações finais

A Tertúlia Literária Dialógica foi abordada nessa pesquisa como atividade que favorece a formação de leitores(as) fluentes e críticos e o acesso aos bens culturais historicamente reconhecidos desde o início da alfabetização, uma vez que se desenvolve por meio do diálogo igualitário e dos clássicos literários.

Assim, afirmamos que a leitura realizada a partir dos clássicos literários contribui para o desenvolvimento social e cognitivo dos(as) estudantes por se tratar de textos que permitem diferentes formas de compreendê-los; são obras escritas há muitos anos e ainda se fazem atuais.

Os dados obtidos comprovam que estudantes em fase de alfabetização não precisam ser privados(as) da literatura clássica, uma vez que, o que irá aproximar ou distanciar o(a) estudante da leitura literária não é a obra em si por ser "antiga" ou ser extensa, mas é a forma como esta é apresentada em sala de aula e/ou na escola.

Referências

AUBERT ET AL (Flécha, A; García, C; Flécha, R; Racionero, S.). **Aprendizaje Dialógico en la Sociedad da Información**. Barcelona: Hipatia Editorial, 2008.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Trad. Marcos Santarrita.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: o trabalho com os diferentes gêneros textuais na sala de aula: diversidade e progressão escolar andando juntas**. Ano 03, unidade 05. Ministério de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: 1997.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução por Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Tradução por Teodoro Cabral. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FLECHA, Ramón. **Compartiendo Palabras**: al aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. [s.l.]: Paidós, 1997.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 4. ed. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Helen Josy Monteiro. **A leitura dos clássicos na sala de aula: uma prática possível**. Revista Práticas de Linguagem. v. 6, n. 1, p. 15-23, 2016. Disponível em <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/edicoes-2/edicoes/volume-6-n-1/>>. Acesso em 13 dez 2016.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987. v. 1.

MACHADO, Ana. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MELLO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. **Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

MINAS GERAIS, **CBC Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental, Anos Iniciais: Ciclos de Alfabetização e Complementar**. Secretaria de Estado de Educação, 2014. Disponível em <<http://sreleopoldina.educacao.mg.gov.br/atendimento/145-matriz-curricular>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POUND, **Ezra. ABC da literatura.** Tradução por Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.